

DESPERTAR

«Marcado estava o início, mas também o fim.»

Livro de Guan, pág. 143

No princípio era o vazio absoluto. Depois um ténue e espaçado batimento interior, a início quase imperceptível, que foi aumentando gradualmente de intensidade até se tornar descompassado e apavorador. A mente entorpecida foi subitamente trespassada por uma torrente de imagens, vislumbres rápidos de momentos marcantes de uma vida. Quase todas memórias inquietantes e espinhosas... Uma profusão de palavras distorcidas, fragores súbitos, imagens indistintas e uma dor acutilante que parecia perfurar-lhe o peito... Uma incontrolável espiral de terríveis pesadelos subjugou-lhe a lógica e o discernimento. Esforçou-se por inspirar e sentiu o peito expandir-se custosamente, como um velho mecanismo oxidado.

As pálpebras dormentes descerraram-se e os olhos foram imediatamente acometidos pela claridade, que, embora ténue, era ainda demasiado intensa. Todo o corpo foi subitamente açoitado por dores violentíssimas ao ser reconquistado pela sensibilidade. No entanto, não se conseguia mexer nem expressar aquele sofrimento atroz. Lentamente, a sua visão foi-se focando e adaptando à luminosidade e algumas formas acabaram por ganhar cor e contornos. Conseguiu distinguir o tecto e as paredes rochosas do que lhe parecia ser uma caverna. Um terror profundo e súbito dominou-a de imediato. Além do mais, teve a sensação de que havia alguém junto de si. O receio e o sentimento de impotência misturaram-se e acabaram por galvanizar o mais básico dos instintos: a sobrevivência. Lutou tenazmente contra as dores e a imobilidade, acabando por conseguir mover um braço. Os dedos cravaram-se em algo mole e quente. Apercebeu-se de

que conseguira agarrar quem estava perto de si e sentiu-o debater-se, desesperado por se libertar enquanto repetia incessantemente algo que ia gradualmente perdendo sonoridade. Porém, na sua mente confusa, essas palavras não tinham qualquer sentido e transformavam-se em enfurecidos rugidos que a faziam aplicar ainda mais força no ataque instintivo. Os seus dedos acabaram por vencer a pele e esmagar as frágeis cartilagens que encontraram. Um líquido viscoso e morno escorreu-lhe pelo braço e toda a resistência cessou... Os dedos abriram-se e o braço tombou, vencedor mas exaurido pelo esforço.

Por momentos manteve-se imóvel, procurando restabelecer-se e ordenar os pensamentos. Todavia, a recuperação adivinhava-se morosa e a intuição aconselhou-a a sair o mais rapidamente possível daquele lugar. Deixou-se cair para o chão e rastejou ao acaso, ferindo os cotovelos e os joelhos. A certa altura, as pontas dos seus dedos tactearam água. Sem pensar, mergulhou a cabeça e sorveu avidamente o líquido. A princípio engasgou-se e cuspiu uma espécie de lama barrenta, mas estava tão sequiosa que nem isso a deteve. Depois de se saciar sentiu frio e só então teve consciência de que estava nua. Pela primeira vez quis verbalizar as suas interrogações, mas não conseguiu articular palavra, limitando-se a uma tossidela áspera. Aproveitando uma nova pausa, olhou em redor e confirmou que estava no interior de uma câmara talhada na rocha. Alguns archotes iluminavam o lugar claustrofóbico e ela distinguia agora claramente o cristalino casulo onde estivera deitada e um homem caído, com a garganta desfeita. Gatinhou apressadamente até ao centro da caverna e reparou que o morto trazia um alforge com roupas de mulher, armas e alguma comida. Vestiu-se, devorou o que havia para comer e guardou as armas. Em seguida procurou uma maneira de sair daquele lugar. Descortinou uma passagem numa das paredes e, apesar de cambaleante, não se deteve por mais tempo. Depois de muitos tropeções e quedas, acabou por encontrar a saída da gruta, um lugar mais amplo, onde se destacava um bloco quadrado de pedra, encimado por uma placa de ouro com uma inscrição. Esfregou os olhos e leu-a. A sua única reacção foi fechar os punhos e suspirar.

Quando saiu, o choque da luz do Sol fê-la cair de joelhos sobre a erva. Levou as mãos à cabeça e assim ficou por algum tempo, imóvel, alheia a tudo quanto a rodeava. Até que ergueu a cabeça, abriu os braços e soltou um grito tenebroso que, à semelhança de um trovão, fez o ar vibrar e causou temor no espírito de todos os seres que o escutaram.

Passado algum tempo, após uma longa caminhada por florestas frondosas e desabitadas, chegou a um pequeno povoado. A primeira pessoa a vê-la foi uma menina que andava a brincar nas cercanias dos campos onde as mulheres da aldeia estavam a trabalhar. Curiosa como qualquer outra criança, a pequena aproximou-se da desconhecida e interpelou-a:

— Quem és tu? — perguntou, colocando uma mão sobre os olhos para se proteger do Sol e conseguir vê-la melhor. — Não te conheço... Estás doente?

A misteriosa forasteira deu um passo em frente, cobrindo-a com a sua sombra e desembainhou a espada.

— Eu... Eu sou...

Os gritos das mulheres que estavam nos campos abafaram qualquer outro som.

OUROBOROS

«Muralhas de velho preto e silencioso pranto.»

Livro de Gwan, pág. 144

Aquela era mais uma típica tarde outonal, na agitada cidade de Nimelian, grandiosa capital do reino Dhorian. Junto dos enormes portões da cidade, o corrupio de mercadores, soldados e simples visitantes era constante. Sentadas à porta de uma taberna, duas figuras observavam a multidão, aparentemente alheadas de toda a azáfama do resto dos habitantes. Um deles, mais façudo, já cabeceava de tanto sono, mas o outro via tudo com grande atenção, enquanto bebia uma taça do afamado vinho da província de Celénia. A dada altura, o mais vigilante deu uma forte cotovelada no companheiro, despertando-o da dormência.

— Marden! Marden! Olha para ali. Junto do portão! Aquela mulher alta com um manto! Valham-me os eternos espíritos dos antepassados! Já viste mulher mais formosa?

Marden olhou vagamente para a multidão e anuiu, ainda ensonado.

— De certeza que não é de cá! — continuou o outro, visivelmente agitado com aquela descoberta. — Que elegância tão singular! Vou ver se ela precisa de ajuda...

Levantou-se de imediato e o colega ergueu preguiçosamente a cabeça.

— Aposto que te vais meter em sarilhos...

O jovem embrenhou-se no mar de gente à sua frente e só parou diante da desconhecida, fazendo uma demorada vénia. A mulher deteve-se e olhou-o com um ar sério e algo desconfiado.

— Não pude deixar de notar que sois uma forasteira na nossa cidade, graciosa senhora. Permitti-me que humildemente vos ofereça os meus serviços como guia na nossa maravilhosa e incomparável Nimelian.

A mulher, porém, continuou o seu caminho e passou por ele sem lhe dar qualquer atenção. Mas o jovem não desistiu e postou-se a seu lado.

— Provavelmente não falais dhorianic... Talvez nilmec? Algum dialecto darmenério?

E foi tentando comunicar com ela em todas as línguas que conhecia. A mulher mantinha-se em absoluto silêncio. Só no fim da longa avenida é que ela parou, olhando para a encruzilhada de ruelas que tinha pela frente. O rapaz estava quase a desistir, mas, precisamente nessa altura, ela decidiu proferir algumas palavras:

— Esta zona da cidade está diferente... — murmurou com uma voz rouca.

— Ah! Afinal sempre falais a nossa língua! — exclamou o candidato a guia. — Não vos preocupeis, que eu conheço todos os recantos!

A mulher virou-se para ele de rompante, fazendo-o recuar um passo.

— Infelizmente, talvez vá mesmo precisar que me dê uma informação, pois não quero perder muito tempo por aqui... Ando à procura da nobre casa que outrora pertenceu a Thalian. Mas nem penses que te vou dar uma só moeda pelas informações e, se me enganares, vais-te arrependar amargamente da tua ousadia!

Perante aquele aviso, o jovem mirou-a com um olhar mais atento. Apesar de não possuir a frágil e melindrosa graciosidade das descoloradas damas da corte, tratava-se de uma daquelas belezas verdadeiramente perturbadoras. As roupagens eram escassas, apesar de envergar um longo manto de pele que a cobria até aos joelhos e umas botas altas de pele. Os seus únicos adornos eram um pendente de ametista — uma peça de bijutaria típica dos Darmenérios — e um solitário brinco de contas. A espada que trazia às costas e da qual apenas se vislumbrava o punho, os punhais cuidadosamente ocultos nas botas e o ar arrogante fizeram-no supor que fosse uma guerreira. Por aquela altura já era extremamente raro ver guerreiros que não pertencessem a um exército regular; mulheres armadas, mais raro ainda. Nas cidades, o porte de armas era mesmo proibido, à excepção daqueles que obtinham autorização do Regente ou do governador. Olhando-a nos olhos, pareceu-lhe que ela era bem capaz de cumprir aquela ameaça, mas não se preocupou muito com isso.

— Não me insulteis, graciosa senhora! — reagiu com algum exagero. — Não espero qualquer recompensa pela minha ajuda! Acompanhai-me e eu mostrar-vos-ei de bom grado o caminho mais rápido.

A mulher seguiu-o em silêncio através das labirínticas ruelas da cidade até chegarem às avenidas mais amplas e ajardinadas perto do Palácio Real.

— Será muita ousadia perguntar-vos o vosso nome, senhora? — aventurou-se o jovem passado algum tempo.

Ela olhou-o de lado e manteve-se séria, esperando algum tempo antes de lhe conceder uma resposta:

— Eu sou... aquilo que te precede e te supera...

Curioso e sem ter a certeza de ter percebido bem o que ela dissera, visto ser uma resposta tão estranha e invulgar, ele virou-se para trás para voltar a questioná-la, mas reparou que ela tinha parado aos pés de uma enorme estátua. Recuou e aproximou-se dela.

— Vejo que haveis ficado admirada com a estátua da grande Gar-Dena, filha dos Divinos, protectora da cidade e a maior guerreira de todos os tempos.

Lentamente, a mulher desviou a atenção da estátua e olhou-o com um misto de irritação e altivez. Manteve os punhos tensamente fechados e o semblante muito pensativo e carregado. Dir-se-ia que aquela descomunal imagem de pedra a afrontava.

— Mentiras... Mentiras! — vociferou. — Será sempre a segunda melhor... No passado, no presente ou num qualquer futuro! Uma mentira não se torna verdade só porque é perpetuada e repetida por... gente ignorante...

— Se vós o dizeis... — murmurou o guia.

— E as outras estátuas que existiam aqui?

— Outras?! — repetiu o rapaz, confuso. — Além desta estátua, só existe outra que representa os nossos Pais Divinos, os Holkan. É enorme! Devéis vê-la. Fica em frente do Holko'Tat, onde em tempos era a antiga biblioteca da cidade. É lá que o povo faz as oferendas e escuta os ensinamentos dos mestres...

— E que ensinamentos são esses?

Admirado com a ignorância da forasteira, o rapaz sorriu.

— Não sabeis?! Falam da Calamidade e do advento de uma Nova Era, em que os Holkan voltarão a caminhar entre nós.

Com uma expressão de desprezo, a mulher abanou a cabeça.

— Que chorrilho de disparates...

Apesar de não o demonstrar, o dhorian ficou extremamente aliviado por estarem sozinhos e ninguém ter escutado aquele comentário. Prosseguiram caminho, mas, passado pouco tempo, ela voltou a parar. Desta vez olhava para uma pequena ruela contígua à que atravessavam.

— Espera aqui! — exclamou em tom de ordem.

Dirigiu-se então para a quelha estreita e escura, avançando num passo vagaroso e olhando atentamente para os edifícios que a rodeavam, parecendo procurar nas fachadas algo que lhe fosse familiar. Quase no fim dessa rua ajoelhou-se e ficou imóvel, revelando as longas pernas e a adaga que trazia presa a uma delas. As mãos tocaram suavemente nas pedras do chão, quase como se as acariciassem, e duas lágrimas brotaram-lhe dos olhos.

— Sim, foi neste lugar... O que faço aqui novamente? Espero um dia entender... — murmurou. — Continua a olhar por mim, por favor...

Do outro lado da rua, o jovem guia não percebia o que estava a acontecer. Ficara impressionado ao ver o que o manto de pele da jovem mulher ocultava, mas igualmente perturbado por distinguir mais uma arma.

— Mais uma adaga?! — sussurrou para consigo. — Será que ela veio para começar alguma guerra? Se alguém vê...

Ao fim dalgum tempo, ela levantou-se e passou as mãos pelo rosto, secando as faces. Ele reparou naquele gesto e indagou:

— Estais bem, senhora?

A mulher não lhe respondeu, mas começou a caminhar na sua direcção.

— Vamos! Não tenho tempo a perder! — bradou rudemente ao passar por ele.

Quando chegaram ao Palácio depararam-se apenas com as ruínas de um edifício abandonado havia já muitos anos. A mulher ficou visivelmente desiludida e confusa.

— É aqui?! O que se passou? Isto não pode ser... — murmurou, enquanto tocava numa das colunas dominadas pelas trepadeiras silvestres. — Devia estar aqui alguém...

O guia aproximou-se dela e entrou nos terrenos cheios de mato do antigo jardim.

— Eu podia ter-vos dito logo, mas não me haveis dado oportunidade de o fazer... Sois uma dama com um temperamento algo exaltado...

Ela deu uma palmada na coluna e fechou momentaneamente os olhos.

— Vai-te! Vai-te daqui! Já não preciso de ti para nada!

Encolhendo os ombros, o rapaz passou por ela e olhou-a de relance.

— Apesar da vossa rudeza, ficai a saber que podeis sempre dispor dos serviços de Delkon, bisneto do grande Odraglar de Nimelian e de Sereneia de Ternut.

Após escutar aquelas palavras, a mulher virou-se de imediato.

— Espera! Volta aqui...

Ele deteve-se.

— Odraglar... O primo de Feaglar? Mas se és quem dizes ser, porque andas por aí a importunar os forasteiros como um pedinte?

Delkon ficou agastado com aquele comentário e tentou controlar-se, desviando o olhar para o edifício abandonado que se estendia à sua frente, entre uma verdadeira floresta de árvores velhas e arbustos de todo o tipo.

— Hum! Eu não sou nenhum mendigo, senhora! — frisou com veemência. — Sou um nobre! A minha bisavó foi apenas uma rapariga que ele... conheceu numa das suas viagens, mas ela também era de descendência nobre! Odraglar casou-se depois com outra mulher e nunca aceitou o meu avô como filho. Nem o conheceu, julgo eu... Limitava-se a enviar-lhe ofertas de tempos a tempos...

A mulher ficou pensativa e olhou-o com grande atenção.

— Esses pormenores não me interessam... Mas estou disposta a acreditar em ti, apesar da irrelevância do que me estás a contar. Preciso de um guia e não de um pajem...

— E vós quem sois, senhora?

Ela massajou os dedos e ajeitou o manto. Parecia menos irritada, apesar de não abandonar o aspecto sisudo.

— Sou o que sou... Agora trata de me arranjar um lugar para pernoitar... Preciso de descansar e ordenar as ideias. Ah! E lembra-te de que não tenho dinheiro! Perdi-o... na viagem...

— Bem... Sem dinheiro é complicado... Podeis ficar em minha casa, mas desde já vos aviso que é apenas uma casa modesta que aluguei nos arredores...

Nesse momento, a mulher teve um súbito desfalecimento e ele viu-se obrigado a ampará-la.

— Estais mesmo bem, senhora?

A recuperação foi quase imediata e ela não tardou a enxotá-lo.

— Sim!... Claro que estou! Estou apenas... cansada... Vá, leva-me até essa tua casa!

Numa das avenidas de comércio, Delkon voltou a dirigir-se à misteriosa companheira. Tinha um pedido a fazer-lhe.

— Não vos importais de entrar por uns instantes naquela taberna? É que eu combinei encontrar-me ali com o meu amigo Marden. Não demora nada...

Ela acenou com a cabeça. Aquele local tinha um ambiente um pouco duvidoso e era óbvio que a clientela não era propriamente

cortês. Diversas cabeças se ergueram prontamente para observar a mulher que tinha entrado e alguns sorrisos maliciosos irromperam. Quando se sentaram a uma mesa num canto mais afastado, Delkon pediu duas taças do melhor vinho. Estava um pouco constrangido por ter trazido uma mulher tão distinta para um pardieiro daqueles, pelo que voltou a justificar-se:

— Desculpai-me por vos trazer aqui, mas era de caminho e eu já tinha combinado com o meu amigo. Nem costume vir a lugares destes...

— Espero bem que tenhas dinheiro para pagar a despesa, Delkon! E não penses que me esqueci do que me prometeste hoje! — berrou da outra ponta da sala o taberneiro gordo e imundo.

Como seria de esperar, o dhorian ficou embaraçado com aquela tirada do taberneiro e não teve outro remédio senão esboçar um sorriso forçado. Agora tinha de tentar compensar aquela vergonha, se realmente queria ficar bem-visto aos olhos da guerreira...

— Mas não precisais de estar preocupada! — assegurou-lhe Delkon. — Estais na companhia de um dos melhores espadachins de todo o reino Dhorian! Vim para me alistar na Guarda Real, mas não quero ficar já fechado dentro daquelas muralhas... Antes disso, ainda tenho muito para ver!

Sem prestar atenção ao que ele dizia, a mulher tirou a espada que trazia às costas e colocou-a em cima da mesa, de modo a poder ficar mais confortável. Alarmado com aquele à-vontade, o dhorian apressou-se a cobri a arma com a sua capa.

— Cuidado, senhora — sussurrou-lhe, enquanto olhava em volta. — Não sei que leis há na vossa terra, mas agora estais em Nimelian... Aqui as blasfémias e as armas ilegais podem ter um preço elevado. E eu já reparei que sois pródiga em ambas as transgressões... Tendes aí uma espada impressionante, apesar de já estar velha e esfacelada! Onde haveis arranjado tal relíquia, senhora? Deve ser pesadíssima... Podeis com ela? Conseguis manejá-la?

A mulher bebeu a taça de vinho de uma só golada. Parecia ter ficado incomodada com aqueles reparos. Sem que ele esperasse, agarrou a taça metálica com uma das mãos e esmagou-a até ser apenas uma irreconhecível bola de metal retorcido. O rapaz ficou atónito.

— Geralmente nem preciso de a usar para resolver os meus problemas... Mas acredita que a sei manejar! E bem melhor do que possas imaginar...

Ainda muito impressionado, Delkon decidiu continuar a tentar descobrir quem ela era na verdade.

— Sois tão forte quanto bela, senhora... Mas, afinal, como vos chamais?

A mão soltou a pequena bola de metal amachucado, deixando-a rebolar sobre o tampo da tosca mesa de madeira.

— Limita-te a comentários que te digam respeito. Viverás mais tempo...

Com o olhar fixo naquilo em que a taça se tinha transformado, Delkon decidiu deixar a curiosidade ficar por ali. Aquela não era uma mulher vulgar...

— Ali está o Marden! — exclamou ele, apontando para um homem que surgira na porta e se dirigira para o balcão. — Já podemos ir!

Levantaram-se, e Delkon fez sinal ao taberneiro. Quando já estavam perto da saída, um dos clientes agarrou na forasteira e puxou-a para si. Era um homem enorme e com um aspecto repugnante.

— Senta-te aqui, mulher! Deixa esses rapazolas! — berrou. — Agora ficas aqui connosco!

Delkon levou a mão à adaga que trazia escondida, mas ela fez-lhe sinal para ficar quieto e dirigiu-se ao homem que a agarrava.

— Eu dispenso a tua companhia. E, para teu próprio bem, é bom que atentes no que te estou a dizer...

O ébrio riu-se como um alarve.

— Para meu bem?! Quem é que esta vagabunda pensa que é?

E tentou puxá-la para a obrigar a ir para o seu colo, mas ela nem se mexeu. Irritado, insistiu com mais força, mas o resultado foi o mesmo. A certa altura, ela moveu o braço, soltou-se e agarrou a mão que anteriormente a prendera.

— Parece que alguns dhorians esqueceram as boas maneiras... — comentou ela, exibindo um fino sorriso. — Terei de vos reeducar!

O som dos ossos da mão do homem a serem esmagados silenciou toda a taberna. Depois, dando-lhe uma forte pancada no peito, a mulher derrubou-o e deixou-o no chão sem sentidos. Um outro que estava sentado à mesma mesa levantou-se e tentou alcançar a besta para vingar o amigo. No entanto a ponta da adaga de Delkon obrigou-o a ficar imóvel. Um freguês de outra mesa ainda se levantou, procurando intrometer-se, mas a mulher reagiu prontamente e arremessou-o ao chão com um pontapé.

— Dêem cabo deles! — berrou o taberneiro crispado, que não gostara de ver a agressão a um dos seus melhores clientes.

Mais homens se levantaram, começando a cercá-los. Delkon deu um murro no arruaceiro que mantinha em respeito e colocou-se à frente da mulher, com a evidente intenção de a proteger. O círculo apertou-se.

— Eu trato disto! — exclamou a guerreira, sem se impressionar.

Delkon manteve-se firme e puxou-a para trás de si.

— Isto está mau, senhora! Sois muito habilidosa, mas eles são muitos e alguns têm bestas... Fugi que eu tento acalmá-los até estardes a salvo...

Reagindo de pronto, Marden subiu para o balcão, empunhando duas bestas. Os atacantes detiveram-se, mas um deles, mais audacioso, destacou-se dos restantes e riu-se na cara de Delkon.

— O teu amigo só tem duas flechas e nós somos mais de vinte... Vocês não vão sair daqui vivos!

Nesse momento, o homem a quem ela tinha esmagado a mão recuperou os sentidos, tirou um punhal do cinto e tentou apunhalá-la pelas costas. Delkon viu-o pelo canto do olho e voltou a derrubá-lo. O desordeiro que encabeçava a chusma avançou de espada em riste para a mulher, julgando-a desprotegida. Marden ainda tentou visá-lo, mas agora tinha também de acautelar a própria vida... Porém, a aguerrida mulher agarrou o pulso do agressor e imobilizou-o, puxando-o para si.

— Se soubesses quem eu sou, nem te atreverias a olhar-me de frente, animal miserável... — murmurou-lhe ao ouvido, enquanto ele se debatia inutilmente para soltar o braço.

Com um grito aterrador, a mulher ergueu-o do chão e atirou-o pelo ar. O corpo voou pela taberna, derrubando quem encontrava pelo caminho, até ir embater numa coluna junto do balcão, que se rachou em duas, fazendo desabar parte do tecto, tal havia sido a força aplicada naquele golpe. Os outros olharam para o maltratado corpo do comparsa, que parecia partido em dois, e muitos abriram a boca de espanto. A mulher colocou-se em guarda e avançou para os adversários.

— Quem é o próximo que não quer ver a luz do dia seguinte?! — perguntou de modo desafiador.

Abismados com o que tinham visto, e já pouco confiantes de que a superioridade numérica fosse garante suficiente para saírem dali vivos, começaram a recuar, acabando por debandar, escapando-se pela porta das traseiras e até pelas janelas.